DOSSIÊ

IN*QUEER*IR A TRADUÇÃO A PARTIR DO SUL GLOBAL

Os Estudos da Tradução LGBT+, apesar de seus antecedentes no século XX, nasceram de fato no século XXI e cada vez mais vem ganhando força com novas investigações acadêmicas. Isso se dá devido a uma abertura maior para o estudo e a compreensão da Teoria *Queer* e dos Estudos de Gênero, bem como por uma maior circulação de pesquisadores, textos e conhecimentos ligados a esta área em zonas de contato em que há maior liberdade para a população LGBT+. Por mais que essa expansão tenha promovido ganhos significativos ao campo, Michela Baldo, Jonathan Evans e Ting Guo (2021, p. 190) apontam que

> [...] ainda persistem lacunas significativas na abordagem das questões LGBT+ e *queer* nos estudos da tradução: a bissexualidade parece ser apagada ou ignorada, e há pouco engajamento com as intersecções entre raça e dissidência, bem como com experiências *queer* no Sul Global. Isso ocorre justamente em um momento em que a teoria *queer* tem desenvolvido uma consciência internacional, seja em relação a contextos específicos, como a América Latina, discutida por Héctor Domínguez Ruvalcaba em *Translating the Queer* (2016), seja no que diz respeito à internacionalização das sexualidades (Altman 2001, Binnie 2004, Schoonover & Galt 2016). Essa perspectiva global sobre a sexualidade tem evidenciado tanto os modos como os modelos estadunidenses de homossexualidade se disseminaram internacionalmente, como as formas de resistência, reapropriação ou tradução desses modelos pelas comunidades LGBTQ+ locais. Ter consciência desses debates na teoria *queer* pode contribuir para um maior refinamento teórico nas análises tradutórias, ao permitir uma compreensão mais profunda das relações complexas entre modelos locais e importados de vivências homossexuais e *queer*, relações que são frequentemente moldadas

Dennys Silva-Reis
Mestre em Estudos de Tradução e doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é professor de Literaturas de Língua Francesa no Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre (UFAC). Atua principalmente nas áreas de Estudos Interartes, Estudos da Tradução (notadamente, Historiografia, Identidades e o par de línguas francês-português), Literatura Francófona (em particular, Literatura da Guiana Francesa e a obra do escritor Victor Hugo).
Jânderson Albino Coswosk
Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como professor e pesquisador Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro. Suas investigações se ocupam das Literaturas Afrodiaspóricas, Estudos da Tradução e Estudos Visuais.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 3-12

> tanto por tradições jurídicas e culturais locais quanto por mídias, literaturas e produções acadêmicas de alcance internacional.[1]

Os pesquisadores chamam a atenção para a escassa circulação de vozes, produções e reflexões sobre Tradução LGBT+ oriundas do Sul Global, territórios que elaboram e vivenciam culturas LGBT+ próprias, plurais e situadas. Tal apagamento se explica, em parte, pelo fato de que grande parte da produção acadêmica desses contextos, sobretudo na América Latina, não é veiculada em língua inglesa, o que limita seu alcance nos circuitos acadêmicos hegemônicos. Esse cenário nos convida a refletir criticamente sobre os próprios regimes de circulação do conhecimento nos Estudos da Tradução: estaríamos, ao adotar a língua franca, submetendo nossas línguas, epistemologias e culturas LGBT+ do Sul Global a processos de universalização e apagamento? Ou, ao contrário, essa escolha linguística representaria uma estratégia de subversão, um modo de ocupar o inglês para amplificar nossas vozes e, ao menos, garantir algum grau de escuta e reconhecimento?

Vivemos em um contexto marcado por

> ordens sociais tecnocráticas fundadas no monolinguismo, em um multilinguismo reacionário e nos aparatos da indústria GILT (globalização, internacionalização, localização e tradução), que, juntas, operam na tentativa de traduzir a fixidez, a singularidade passível de monetização e a autenticação política (GRAMLING & DUTTA, 2016, p. 334)[2].

Sabemos que nenhuma língua é um sistema unificado, quantificável e estável; por isso, os contatos linguísticos devem ser compreendidos como processos de incorporação, extensão, ecologia e promulgação (GRAMLING & DUTTA, 2016, p. 335). De um lado, é necessário abandonar a cultura do monolinguismo para que o Sul Global não sucumba à tentação da solidão teórica e linguística; de outro, é preciso estar atento aos efeitos da anglonormatividade, que podem aprisionar saberes e práticas em uma

1 "[...] there still remain significant lacunae in the coverage of LGBT+ and queer issues in translation studies: bisexuality seems to be erased or ignored, and there is less engagement with race and queerness, or indeed queerness in the Global South. This comes at a time when queer theory has been developing an international awareness, whether in relation to specific locales, such as Latin America in Héctor Dominguez Ruvalcalba's *Translating the Queer* (2016), or in terms of the internationalisation of sexualities (Altman 2001, Binnie 2004, Schoonover and Galt 2016). This global view of sexuality has demonstrated the ways in which USAmerican models of homosexuality have travelled internationally, as well as the ways in which they have been resisted or adapted by local LGBTQ+ communities. Awareness of this work in queer theory can help develop the theoretical sophistication of translation analyses through greater understanding of the complex relationships between local and imported models of homosexual and queer behaviour, which are often shaped by local legal and cultural traditions as much as international media, literature and scholarship". Todas as traduções são nossas, exceto quando indicado em contrário.

2 "technocratic social orders of monolingualism, reactionary multilingualism, and the GILT industry (globalization, internationalization, localization, and translation), which together aspire to translate fixity, monetizable singularity, and political authentication".

lógica de subordinação, na qual tudo aquilo que não se produz em inglês, ou fora das culturas anglófonas, é relegado a uma posição marginal.

É precisamente na intersecção entre o monolinguismo e a anglonormatividade que se inscreve aquilo que Gramling e Dutta (2016, p. 337) nomeiam como "cislingualismo", conceito que se torna central para compreender os mecanismos de normatização linguística na contemporaneidade. Identificar os limites dessas duas forças permite reconhecer como opera essa lógica, que, longe de estar em declínio, tende a se intensificar:

> Se a construção moderna e contingente de cisgeneridade, assim como a igualmente moderna e contingente construção do monolinguismo, foram consolidadas a duras penas ao longo da modernidade industrial, não há qualquer motivo para presumir que uma ou outra estejam, hoje, em processo de erosão ou declínio, apenas porque fomos capazes de identificá-las e nomeá-las como objeto de crítica. Na verdade, aquilo que podemos entender como "cislingualismo" – a compulsão de se posicionar no "aqui" normativo das línguas, dentro dos limites socialmente sancionados, em vez de habitar o "lá" das práticas discursivas desviantes, impuras, excessivas, translinguísticas ou consideradas linguisticamente indisciplinadas – parece, ao contrário, estar em plena ascensão no século XXI, à medida que modelos tecnocráticos de gestão da subjetividade multilíngue são cada vez mais refinados e celebrados na Europa e em diferentes partes do mundo (GRAMLING, DUTTA, 2016, p. 337)[3].

É por meio da consciência desse fenômeno que podemos compreender a Tradução LGBT+ não como processo meramente mecânico, mas como uma tarefa consciente e carregada de efeitos e corolários políticos e epistêmicos. A Tradução LGBT+ tem como princípio desestabilizar a linguagem em favor da *queerização* do texto (ou das palavras) e da performatividade do saber LGBT+ que o texto carrega. Um exemplo clássico desse desafio nos é dado pelo escritor e ativista chileno Juan Pablo Sutherland (2014, p. 3-4):

> A tradução do *queer* na América Latina tem tido suas derrotas. Alguns apressaram-se em inscrever suas práticas dentro da catedral queer como se santificassem na última neo-vanguarda das políticas sexuais radicais, outros tentaram traduzir o termo a partir das mais variadas opções lexicais: torcida, oblíquas, pós-identitárias, raras,

3 If the modern and contingent construct of cisgender and the equally modern and contingent construct of monolingualism have been hard-won over the course of industrial modernity, there is no reason to presume that either is now in a period of devolution or decline, merely because we have been able to identify and hail them for critique. In fact, what we might consider "cislingualism"— the compulsion to perform on the normatively "here" side of language(s), rather than in the "there" of wayward, unhygienic, excessive, translingual, or disorderly speech—may indeed be on the rise in the twenty-first century, as technocratic models for the management of multilingual subjectivity are honed and celebrated in Europe and beyond.

> invertidas, todas elas com um malabarismo linguístico próprio que tenta dar conta de um mal-estar normativo, de uma revelação teórica, de uma fuga prometeica da identidade. Promessa pós-identitária em um contexto político identitário, de políticas de representação, que apostam no cenário político em dar voz a um lugar negado e estigmatizado. Traduzir, que já suscita uma distância com a língua e com o objeto, é tomar uma distância ou em si mesmo já é um problema cultural. Poderíamos dizer, como Lawrence La Fountain-Stokes, "que *queer* é um termo um tanto intraduzível ao espanhol". Ainda mais com um termo que tem uma história e um contexto político nos Estados Unidos dos anos oitenta. Em grande parte das publicações na América Latina, diversos autores optaram por traduzir queer como raro, estranho, homossexual. No entanto, dada a riqueza conotativa do termo em inglês, se pode discutir, problematizar e singularizar várias das acepções que encontra o termo em diferentes contextos, tanto em utilizações do uso gramatical como em seus usos políticos.

Para Sutherland, o termo "*queer*" é intraduzível para o espanhol devido ao caráter polissêmico de *queer* em inglês e que uma única palavra não pode abarcar. Ao mesmo tempo, o autor demonstra que traduzir questões LGBT+ é complexo porque desterritorializa uma prática LGBT+ de um lugar para fazer sentido em outro, com o desafio da institucionalização de determinado discurso no local da tradução – isto é, o público leitor receberá aquele texto traduzido como uma verdade LGBT+ de uma outra cultura. Ao tradutor, cabe assumir a responsabilidade ética de negociar os deslocamentos e as tensões que a tradução de saberes dissidentes inevitavelmente convoca.

Essa responsabilidade ética que recai sobre o tradutor é também sintoma dos processos de globalização das sexualidades, sobretudo daquelas produzidas e legitimadas no Norte Global que, ao circular, entram em conflito com identidades dissidentes locais, históricas ou tradicionalmente consolidadas em determinados territórios. Nesse atravessamento, entra em jogo a questão do homonacionalismo, na medida em que determinados modelos LGBT+, cultural e geopoliticamente marcados, circulam com mais força do que outros, operando como dispositivos que regulam, hierarquizam e demarcam hegemonias LGBT+ no cenário transnacional (BALDO; EVANS & GUO, 2023). Esse processo não faz senão acentuar as assimetrias entre sujeitos LGBT+ do Sul e do Norte em múltiplos domínios (saberes, acessos, posses, visibilidades, corpos, línguas, entre outros).

Para enfrentar as assimetrias na produção e circulação de conhecimento, não há outro caminho senão tornar visível o que se produz e insistir em sua ampla difusão. Nesse sentido, duas contribuições recentes se destacam de forma incontornável para os Estudos da Tradução LGBT+ na América Latina: (i) o dossiê da revista *Mutatis Mutandis*, intitulado "*Re-sentir lo queer/cuir en la traducción iberoamericana*" (2023), organizado por Iván Villanueva-Jordán e Antonio J. Martínez Pleguezuelos; e (ii) o

livro *Estudos da Tradução e Comunidade LGBT: sobre vozes entendidas e transformistas textuais* (2024), organizado por Dennys Silva-Reis e Vinícius Martins Flores.

Ambas as contribuições se constituem como marcos teórico-práticos da Tradução LGBT+ no contexto latino-americano, não apenas por reunir pesquisadoras e pesquisadores da América Latina e da Europa, mas também por estabelecer diálogos com outros campos, como a historiografia da tradução, os estudos sobre acessibilidade e a tradução audiovisual. Ao mesmo tempo, esses dois trabalhos evidenciam como os referenciais teóricos europeus são, na América Latina, não apenas recepcionados, mas também tensionados, reformulados e devolvidos como saberes situados, críticos e profundamente comprometidos com práticas ativistas.

Detendo-se especificamente no contexto brasileiro, os Estudos de Tradução LGBT+ são inaugurados pelo trabalho pioneiro de Adail Sebastião Rodrigues Júnior, intitulado *A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As Aventuras de um Garoto de Programa* (2006). Em seguida, surgem os trabalhos monográficos de Henrique Augusto Barbosa de Mattos, com *Uma crítica de tradução à luz da desconstrução/estudos queer: o Corydon, de André Gide* (2014), e de Tatiana Nascimento dos Santos, com o título *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos* (2014). Dando continuidade a essa produção, Jeremias Lucas Tavares desenvolve o trabalho *Estudo de tradução de legendas inclusivas em Pose (2018): especificidades contextuais e questões de gênero* (2021), e, mais recentemente, Beatriz Regina Guimarães Barboza (be rgb, beatriz rgb) apresentou sua tese *Nós, estranhes: estudos feministas da tradução e/m queer~cu-ir* (2023).

A partir desses trabalhos inaugurais, uma série de artigos, dissertações e teses passou e continua a ser produzida e publicada no Brasil. É importante assinalar que a ordem das pesquisas aqui mencionada reflete, ainda que de forma sintética, a trajetória e a progressão dos Estudos de Tradução LGBT+ no país: em um primeiro momento, observa-se uma atenção voltada à tradução literária de textos LGBT+; na sequência, emergem estudos focados na tradução de textos não ficcionais e na agência tradutória desses materiais; depois, ganham espaço as investigações sobre tradução audiovisual LGBT+; e, mais recentemente, surgem proposições de natureza "puramente" teórica, voltadas à formulação de epistemologias críticas para a Tradução LGBT+. Na contemporaneidade, além dessas linhas já consolidadas e em plena expansão, o Brasil tem se destacado também nas investigações sobre Tradução LGBT+ acessível, com pesquisas que abordam, de modo particular, as línguas de sinais e suas interfaces com as comunidades LGBT+ surdas.

Para além da produção acadêmica, o Brasil se revela hoje um verdadeiro banquete para os Estudos de Tradução LGBT+, com múltiplas práticas tradutórias que emergem de coletivos, comunidades e grupos de fãs, que se organizam para produzir traduções colaborativas de mangás, canções, textos teóricos e literários. Soma-se a esse cenário o fortalecimento do movimento LGBT+ indígena no país, que tem trazido à tona não apenas práticas tradutórias de natureza linguística, mas também processos de tradução cultural profundamente situados. Um exemplo emblemático desse movimento é a

tradução da peça teatral *TYBYRA – uma tragédia indígena brasileira* (2020), de Juão Nyn, encenada nas línguas Tupi-Guarani Moderno e Tupi-Potiguara em comunidades indígenas brasileiras, além de ter sido publicada em português com suas respectivas traduções para línguas originárias[4].

No contexto das comunidades indígenas, um caso interessante se destaca no México. No estado de Chiapas, diante da necessidade linguística de nomear realidades e experiências das mulheres que não encontravam correspondência nas línguas originárias, instrutores desenvolveram um *Vocabulário com perspectiva de gênero em línguas originárias* (IBERCULTURA VIVA, 2024). Embora não se trate de uma iniciativa estritamente vinculada às pautas LGBT+, essa lista, composta por 100 vocábulos, estabelece precedentes significativos para futuras traduções que contemplem as diversidades de gênero e sexualidade nesses contextos. Esse caso evidencia, de maneira contundente, o quanto a tradução nas comunidades indígenas é uma demanda urgente, não apenas como prática linguística, mas como instrumento fundamental para a garantia de direitos e para a afirmação de existências dissidentes nesses territórios.

Quando se trata desse panorama, tanto na América do Sul (com destaque para a Guiana) quanto em vários países do continente africano, os direitos LGBT+ são inexistentes ou simplesmente não são reconhecidos e defendidos. Nesse contexto, a censura torna-se uma prática recorrente. Um exemplo recente é o caso do livro *La Bastarda* (2016), da escritora guinéu-equatoriana Trifonia Melibea Obono, cuja publicação e circulação foram proibidas na Guiné Equatorial. Obono faz de sua literatura uma ferramenta de ativismo, e *La Bastarda* (2016) é a primeira obra publicada no país a abordar, de forma aberta, a lesbianidade em contextos rurais. Embora ser LGBT+ não configure crime na Guiné Equatorial, o peso da estigmatização social impõe sanções morais que, na prática, criminalizam essas existências. Todavia, pouco se sabe sobre as sexualidades dissidentes na África, o que em parte explica o fato de o livro já ter sido traduzido para o inglês (por Lawrence Schimel) e para o francês (por Anne-Laure Bonvalot).

Essa curiosidade, ou mesmo a necessidade de "ter notícias" da África LGBT+, tem impulsionado práticas tradutórias. No Brasil, nos últimos anos, foram traduzidos dois compêndios fundamentais sobre sexualidades dissidentes no continente africano: *Traduzindo a África Queer* (2018) e *Traduzindo a África Queer II* (2020). Na apresentação dessas traduções, os organizadores afirmam:

> Acreditamos, assim, que com estas traduções do *Queer African Reader* seja possível fortalecer o diálogo Sul-Sul a partir da perspectiva dos Estudos de Gênero, Feministas e Estudos sobre Sexualidades, permitindo uma releitura descolonizada deste campo. Muitas questões, contudo, ainda permanecem em aberto e precisam de um ulterior aprofundamento, entre elas, a da escolha dxs autorxs do *Reader* de utilizarem termos como 'gay', 'lésbica', 'bissexual' ou 'trans', que remetem à história ocidental das identidades sexuais e

4 Para saber mais detalhes sobre esta peça, consultar Silva-Reis (2025).

> de gênero. Como soaria a chamada 'sopa de letrinhas', se ao invés das categorias ocidentais, fossem colocadas as expressões africanas que marcam a dissidência sexual e de gênero, nos diferentes contextos deste continente? (REA, PARADIS & AMANCIO, 2018, p. 22).

> Com a tradução destes textos, esperamos contribuir com a circulação de formações queer, intelectuais e militantes, ao longo do eixo Sul-Sul e contestar a ideia de que estas seriam meras repetições e imitações do queer hegemônico branco e euro- americano (REA, FONSECA & SILVA, 2021, p. 12).

Observa-se a tradução como um ato de compartilhamento de saberes e agenciamento ativista. Para além disso, ela constitui um espaço de intercâmbio científico e, por vezes, participa da própria constituição dos regimes históricos e epistêmicos que estruturam o pensamento e a memória LGBT+. Afinal, nenhum autor, nenhuma língua e nenhum texto se movem sozinhos ou de maneira aleatória; toda tradução carrega consigo um legado e um alcance político (RIBEIRO, 2021). É fundamental estar atento a esse processo, uma vez que uma tradução acrítica pode não apenas reproduzir, mas também reforçar processos de colonização dos imaginários LGBT+ (QUIJANO, 2000), funcionando como um potente dispositivo de dominação intelectual.

No Brasil e na América Latina, as traduções de LGBTextos são práticas recorrentes, o que revela uma notável abertura da região para novas ideias, epistemologias e visões. No entanto, cabe perguntar quais saberes estão sendo traduzidos e, sobretudo, se essas traduções estão a serviço da produção de novos conhecimentos ou apenas da reprodução de modelos consolidados. As redes de circulação e conexão do pensamento LGBT+ na construção da história global das sexualidades dissidentes revelam desigualdades profundas, muitas vezes contraditórias. É necessário desnaturalizar tanto a tradução quanto a figura do tradutor, entendendo-os não como meros instrumentos linguísticos, mas como objetos e corpos em trânsito, ou seja, elementos que constroem espaços de encontro, negociação e fricção entre o estrangeiro e o local.

In*queer*ir a tradução a partir do Sul é, antes de tudo, um exercício de questionamento que conduz a um posicionamento ético e político: o que pode a tradução fazer *para*, *com* e *na* comunidade LGBT+? Trata-se de construir políticas de conhecimento capazes de equilibrar e valorizar línguas, teorias, corpos e afetos que, muitas vezes, são classificados como subalternizados, marginalizados ou minorizados, mas que, na verdade, ocupam outras geografias e são discriminados justamente por sua localização e por não corresponderem às normas epistêmicas hegemônicas.

Em última instância, cabe mencionar que a Tradução LGBT+ é um ato glocal, à medida que os textos são produções situadas em contextos culturais específicos, mas carregam significados que podem atravessar fronteiras, deslocar-se e produzir efeitos além de seus territórios imediatos (SEDDA, 2008). Ou seja, os LGBTextos buscam reproduzir seus próprios contextos, mas também carregam um potencial de

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 3-12

circulação global e universal, pois, embora enraizados em geografias particulares, os temas que mobilizam são comuns e interpelam toda a comunidade LGBT+ em suas múltiplas existências e atravessamentos. O grande desafio é garantir que as dinâmicas de circulação do conhecimento não se convertam em dispositivos de dominação, nos quais uma cultura LGBT+ se sobreponha a outra, impondo suas epistemologias, suas línguas e seus regimes de visibilidade, enquanto silencia, subordina ou apaga outras experiências dissidentes.

Diante desse cenário, tornam-se incontornáveis algumas perguntas fundamentais:

1. Por que certos textos, vozes e epistemologias nunca foram publicados, traduzidos ou sequer circulam fora de seus contextos de origem?
2. Por que a legitimação dos saberes LGBT+ segue tão fortemente ancorada em determinados autores, línguas e geografias?
3. O que explica a recorrente deslegitimação ou a invisibilização das culturas LGBT+ locais?
4. Em que medida os saberes e as culturas LGBT+ estrangeiras atuam como forças colonizadoras, imperiais, emancipatórias ou contra-hegemônicas?
5. Quais regimes tradutórios contribuem, consciente ou inconscientemente, para reforçar assimetrias, mas também para produzir alianças, resistências e solidariedades nas comunidades LGBT+?
6. E, sobretudo, que estratégias tradutórias são capazes de potencializar o ativismo, a visibilidade, a agência e a circulação de saberes na comunidade LGBT+, sem reproduzir dinâmicas de subordinação epistêmica?

Tais questões estão pormenorizadas e pulverizadas nos artigos do presente dossiê, ora em sua escala micro, ora em escala macro. Aqui reunimos trabalhos que mostram o diálogo e a profusão desta temática no Brasil e em outros países graças às contribuições de pesquisadores e pesquisadoras, nacionais e estrangeiros. Agradecemos o espaço cedido a nós na *Revista Ártemis*, em nome da professora Luciana Calado Deplagne, e esperamos que os leitores possam desfrutar dos novos conhecimentos tradutórios propostos em cada um dos trabalhos que compõem esta edição.

Referências

BALDO, Michela; EVANS, Jonathan & GUO, Ting. Introduction: LGBT/queer activism and translation. *Translation and Interpreting Studies*, n. 16, v. 2, 2021, p. 185-195.

BARBOZA, Beatriz Regina Guimarães (be rgb, beatriz rgb). *Nós, estranhes: estudos feministas da tradução e/m queer~cu-ir.* (Tese). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

GRAMLING, David & DUTTA, Aniruddha. Introduction. In: *Transgender Studies Quarterly – TSQ*, v. 3, n. 3-4, 2016, p. 333–356.

IBERCULTURA VIVA. Instrutores indígenas criam vocabulário com perspectiva de gênero para trabalhar em comunidades de Chiapas. *Ibercultura Viva,* 2024. Disponível em: https://iberculturaviva.org/portfolio/instrutores-indigenas-criam-vocabulario-com-perspectiva-de-genero-para-trabalhar-em-comunidades-de-chiapas/. Acesso em: 16 jun. 2025.

MATOS, Henrique Augusto Barbosa de. *Uma crítica de tradução à luz da desconstrução/ estudos Queer : O Corydon, de André Gide*. (Dissertação) Mestrado em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

OBONO, Trifonia Melibea. *La Bastarda*. Trad. Lawrence Schimel. New York: Feminist Press, [2016] 2028.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and social classification. *Journal of World-Systems Research*, v. 6, n. 2, 2000, p. 342-386.

REA, Caterina; PARADIS, Clarisse Goulart & AMANCIO, Izzie Madalena Santos (orgs.). *Traduzindo a África Queer*. Salvador: Editora Devires, 2018.

REA, Caterina; FONSECA, João Bosco Soares da; & SILVA, Ana Catarina Benfica B. *Traduzindo a Africa Queer II*: Figuras da dissidência sexual e de gênero em contextos africanus. Salvador: Devires, 2021.

RIBEIRO, Guilherme. Políticas e geopolíticas de tradução. Circulação multilíngue do conhecimento e histórias transnacionais da geografia. Perspectivas brasileiras, *Terra Brasilis*, v. 15, 2021.

RODRIGUES JÚNIOR, Adail Sebastião. *A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As Aventuras de um Garoto de Programa*. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SANTOS, Tatiana Nascimento dos. *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos.* (Tese). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

SEDDA, Franciscu. Reflexões acerca do glocal: com base no estudo semiótico da cultura. Tradução de Mariane Murakami. *Matrizes*, v. 2, n. 1, 2008, p. 185-206.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 3-12

SILVA-REIS, Dennys; FLORES, Vinicius Martins (orgs). *Estudos da Tradução e Comunidade LGBT*: Sobre vozes entendidas e transformistas textuais. Salvador: Editora Devires, 2024.

SILVA-REIS, Dennys. *Tybyra* (2020) de Juão Nyn, uma dendrografia dissidente. *Todas as Musas*: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte, v. 1, 2025, p. 39-60.

SUTHERLAND, Juan Pablo. Os efeitos político-culturais da tradução do *queer* na América Latina. Tradução de Helder Thiago Cordeiro Maia. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 1, 2014, p. 5–20, 2014.

TAVARES, Jeremias Lucas. *Estudo de tradução de legendas inclusivas em Pose (2018): especificidades contextuais e questões de gênero.* (Dissertação). Mestrado em Linguagem e Ensino. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2021.

VILLANUEVA-JORDÁN, Iván & MARTÍNEZ PLEGUEZUELOS, Antonio J. (Re)pensando o *queer/cuir* na tradução ibero-americana. *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*, v. 16, n. 1, 2023, p. 3–17, 2023.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 3-12